

# A vida dramática dos filhos do HBB

Levi Pereira

Hospital de Base do Distrito Federal. Prédio principal, 7º andares, Pediatria. Ali vive há seis anos e desde que nasceu, uma criança que se chama Carla, mas também poderia ser chamada de "drama". Aliás, apenas um dos que se escondem por trás dos mais de 50 mil metros quadrados de um dos maiores hospitais do País. A menina Carla Nobre de Souza nasceu com uma deficiência rara: a microcefalia, uma má formação do crânio, que lhe expõe o cérebro e só lhe permite vida vegetativa. Ela recebeu, assim, uma outra qualificação. É um dos vários "doentes crônicos" que por tempo indefinido ocupam leitos na rede hospitalar do DF.

Mas os "doentes crônicos" são antes de tudo criaturas humanas. E muito queridas pelos profissionais encarregados de cuidar delas por anos a fio. Carla, por exemplo, é tratada como filha pelas enfermeiras e auxiliares de enfermagem da Pediatria do HBB. Informações sobre a família da menina, só podem ser obtidas através de seu prontuário amarelado pela ação do tempo: São de Braziliânia (MG), pobres e nunca visitaram a criança.

"Cada paciente nesta situação mobiliza profissionais de diversas áreas, instrumentos e medicamentos", explica o diretor do HBB, Mauro Guimarães, que reclama do estigma "injusto" criado em torno do hospital que dirige. "Fala-se mal do Hospital de Base, mas ninguém sabe nossos dramas diários para atender milhares de pessoas vindas de todas as partes do Brasil", pondera.

As dificuldades a que se refere o diretor do Hospital de Base são facilmente constatadas e os pacientes "crônicos" representam um percentual significativo desses problemas. Os cuidados que eles exigem são muitos e constantes. A menina Carla precisa ser limpa e mudada de posição a cada duas horas, impreterivelmente, a fim de evitar a formação das nocivas escaras, como são chamadas as crostas escuras que se acumulam na pele decorrentes da falta de higienização e arejamento.

Seu pequeno corpo deve ser massagizado e movimentado por um fisioterapeuta, periodicamente. A alimentação e aspiração de secreções nasais são feitas por sondas, que devem ser averiguadas e substituídas dentro de prazos obedecidos com a precisão de um relógio suíço. Ainda há os cuidados com as fraldas, a forma mais eficaz de resguardar as fezes e urina da criança. Com orgulho próprio das mães devotadas, as enfermeiras e auxiliares fazem questão de lembrar que "Carlinha" nunca foi admitida por qualquer doença, apesar de viver num ambiente naturalmente propício a isto.

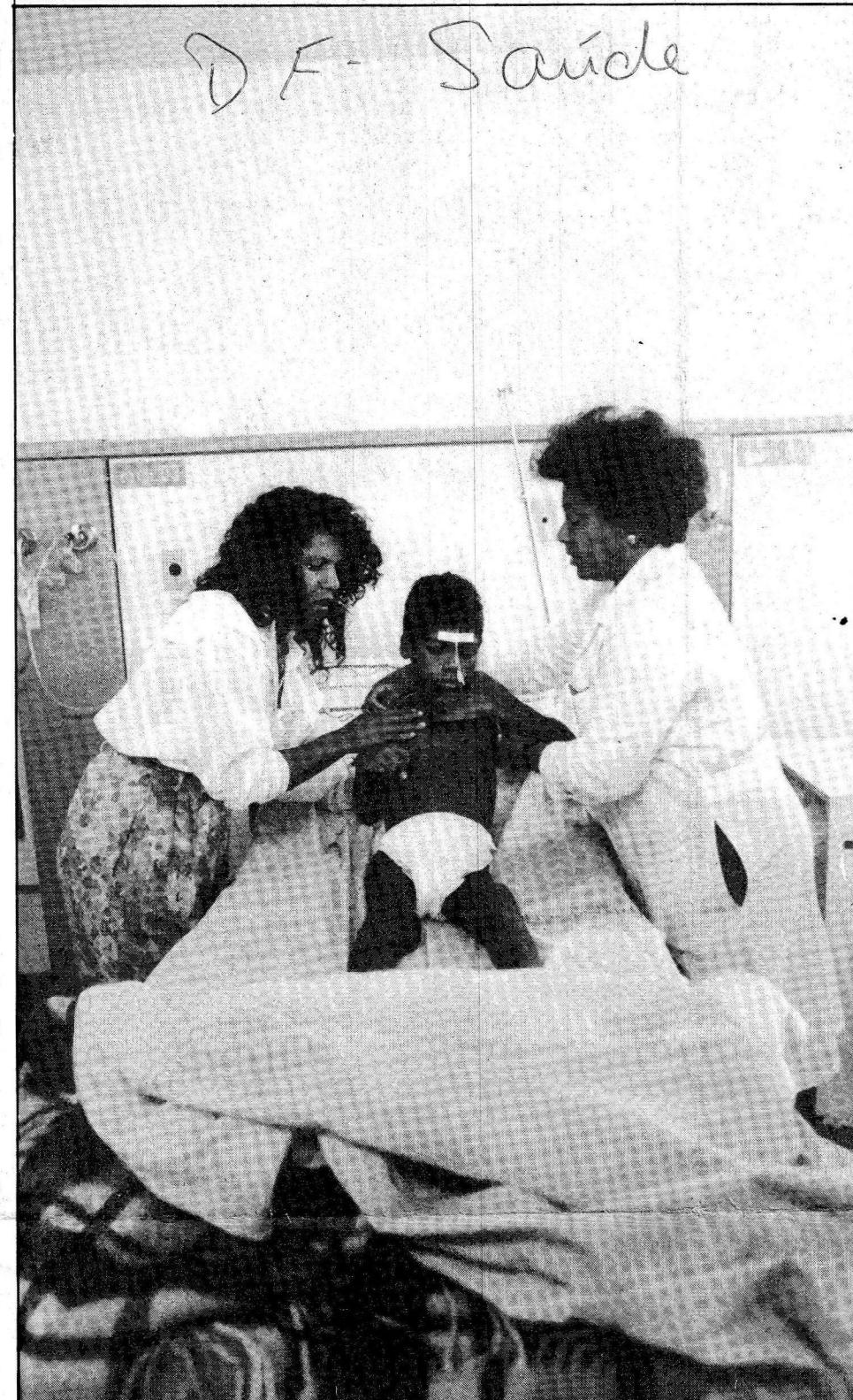
**Ar** — Também na Pediatria e igualmente desde poucos dias de nascido está abrigado o pequeno Reginaldo Silva Santos, de três anos. Com uma doença renal crônica, foi deixado no HBB pela mãe, que mora em Luziânia (GO) só e faz visitas esporádicas. A enfermidade retardou o seu desenvolvimento físico, mas não o mental. Esperto, alegre e, na definição das auxiliares de enfermagem, "extremamente carente", o menino já se acostumou a ver o 7º andar do Hospital de Base como seu lar. Na escolinha existente na unidade, Reginaldo constrói suas fantasias com brinquedos pedagógicos e se diverte com os coleguinhas.

O quadro de pacientes abandonados por familiares não se restringe ao 7º andar. Em todas as unidades médicas do Hospital de Base é possível encontrar pelo menos um exemplo. No 5º andar, onde funciona a Ginecologia, está um dos casos que mais trouxeram complicações para o HBB. Karen Margareth Krahenbuhl de Oliveira, de 33 anos, há 12 chegou ao hospital para fazer um parto cesariana, teve uma complicação com a anestesia e nunca mais saiu do leito.

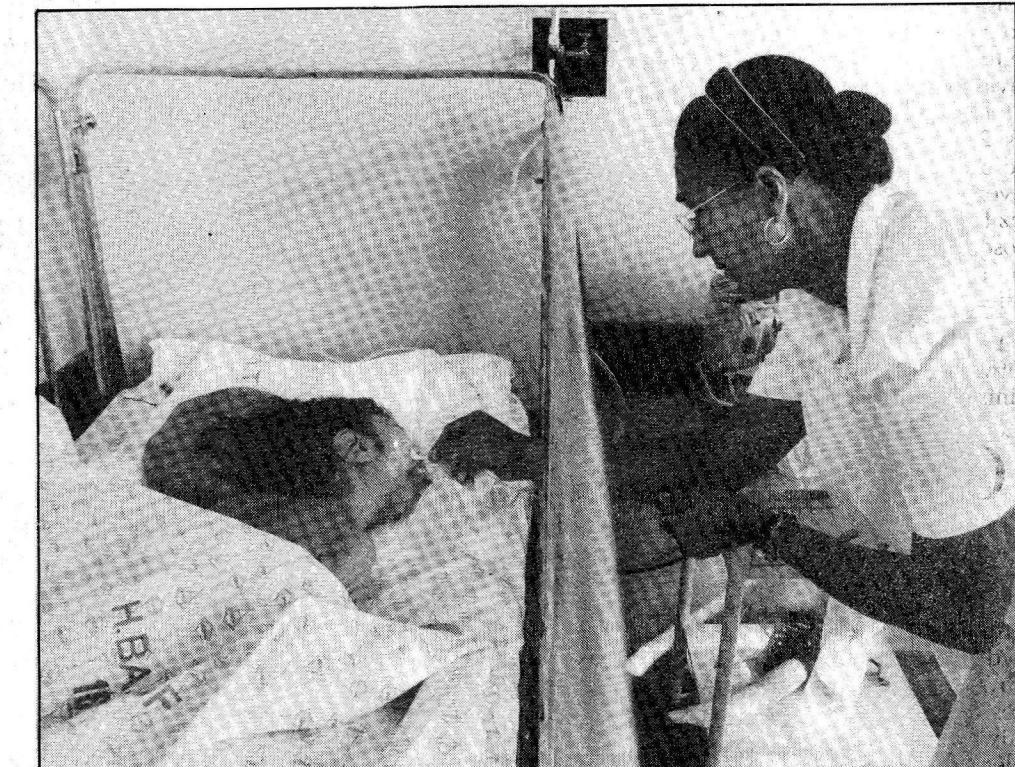
A família da jovem entrou com uma ação judicial e conseguiu fazer com que o Hospital de Base arcasse com todos os cuidados que Karen passou a exigir. Os funcionários do 5º andar se desdobram para cumprir integralmente a determinação da Justiça e diuturnamente acompanham todos os comportamentos da paciente.

**Traumatismos** — O panorama formado por pacientes com permanência indefinida no hospital ganha contornos mais dramáticos quando se chega ao setor de Neurocirurgia, instalado no 3º andar do prédio onde funciona a Emergência. A unidade abriga dezenas de pessoas, a maioria sem previsão de quando terá alta médica. São homens, mulheres e crianças oriundos de várias regiões do País. Eles ficam presos a sondas, respiradores artificiais e toda uma parafernália de instrumentos que lhes mantêm as vidas, ameaçadas por traumatismos crânicos, medulares e outras lesões graves, originados em acidentes de todo tipo. Ali também se concentram dramas cotidianos, que se arrastam, em alguns casos, por longos meses, exigindo a atenção constante de vários profissionais.

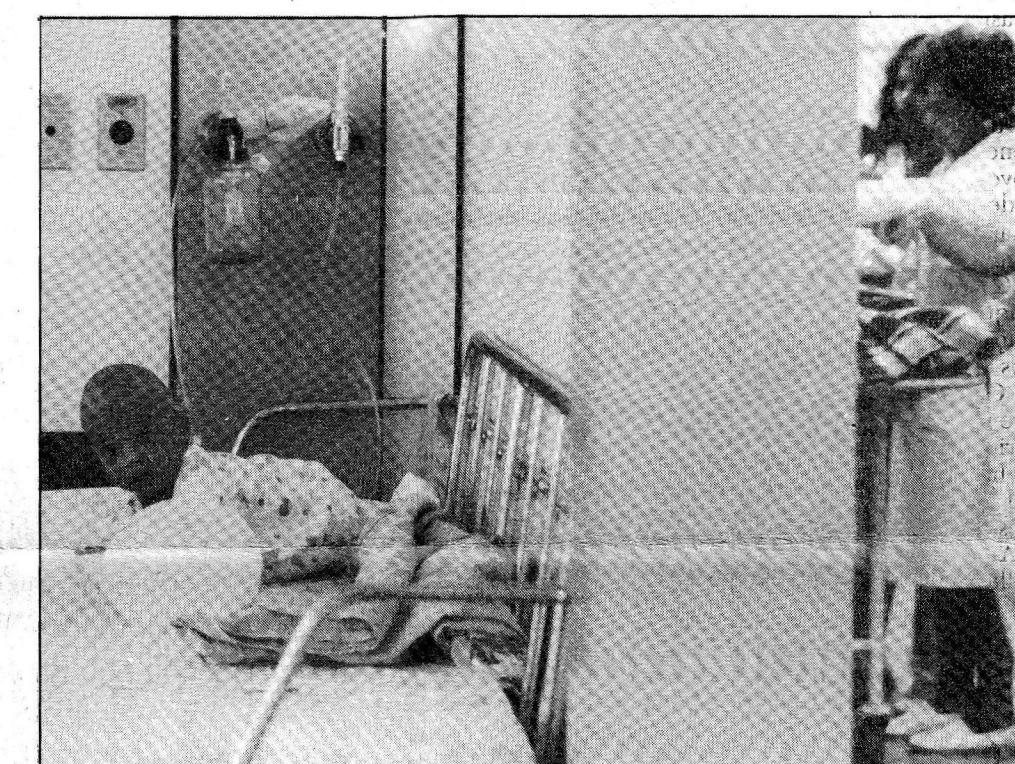
FOTOS: JORGE CARDOSO



As crianças internadas no HBDF recebem cuidados especiais dos enfermeiros



A pequena Carla é uma paciente crônica, que praticamente mora no hospital



Há bebês que ocupam os leitos desde o nascimento, exigindo longo tratamento